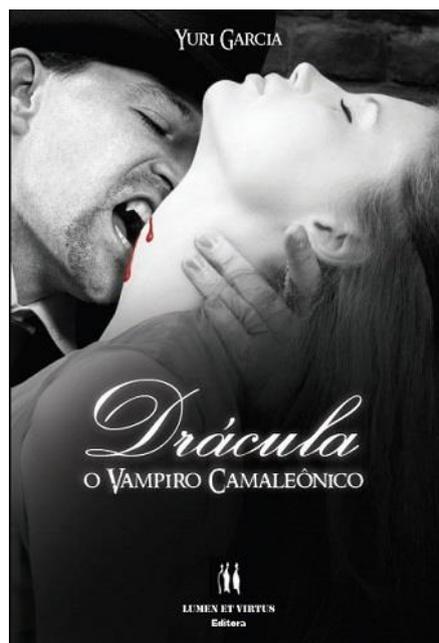


The film is the life: Drácula e sua pós-vida cinematográfica

Emanuelli da Silva Monsores¹
Ellen Alves Lima²



GARCIA, Yuri. **Drácula: O Vampiro Camaleônico**. Rio de Janeiro: Lumen et Virtus, 2014.

Resumo: Para observar o salto do personagem literário Drácula de Bram Stoker para as suas transposições cinematográficas, o livro *Drácula: O Vampiro Camaleônico* (2014), de Yuri Garcia, apresenta de forma didática e linear o trajeto do vampiro pelas mídias de entretenimento. Garcia aplica a teoria das materialidades, distinta pelas contribuições de teóricos importantes da comunicação como Marshall McLuhan, ao seu olhar curioso e proporciona ao leitor uma viagem à história do cinema e da figura do vampiro.

Palavras-chave: Vampiro; Cinema; Imaginário cultural.

The film is the life: Dracula and his cinematographic afterlife

Abstract: To observe the jump of the literary character Dracula by Bram Stoker to the cinematographic transpositions, the book *Drácula: O Vampiro Camaleônico* (2014), by Yuri Garcia, presents in a didactic and linear way the trajectory of the vampire through the entertainment

¹ Mestranda em Comunicação Social pelo PPGCOM- UERJ, Pesquisadora no grupo POPMID: Reflexões sobre gêneros e tendências em produções midiáticas e CiberCog: Comunicação, entretenimento e cognição. Email: emanuellimonsores@gmail.com.

² Mestranda em Comunicação Social pelo PPGCOM- UERJ, Pesquisadora no grupo POPMID: Reflexões sobre gêneros e tendências em produções midiáticas. Email: ellen2000.a.l@gmail.com.

media. Garcia applies the theory of materialities, distinguished by the contributions of important theories of communication such as Marshall McLuhan, to his curious look and provides the reader with a journey into the history of cinema and the figure of the vampire.

Keywords: Vampire; Cinema; Cultural imaginary.

Uma cena de filme se inicia da seguinte forma: externa, castelo no leste da Europa, noite. Um homem surge da névoa. Silencioso, veloz, confortável sob o véu da noite, revela uma pele pálida com olhos fundos, movimentos fortes e, ao mesmo tempo, elegantes. Sua aura evoca sentimentos de sedução e medo, tão hipnotizante que mal se percebem os dois caninos afiados em seu sorriso. Mesmo que o protagonista desavisado não se dê conta, o espectador provavelmente já sabe que um vampiro acaba de ser apresentado. Criatura que, apesar de ser considerada morta, adapta-se tal qual um ser vivo aos novos tempos.

Podemos afirmar hoje que o vampiro é integrante do imaginário popular moderno, tendo alguns símbolos principais reconhecidos transnacionalmente. Mas quais seriam esses símbolos? Em que momento esse imaginário foi forjado? Qual a história por trás do vampiro que pode ir desde parasita sanguíneo até pai solteiro dançarino? E por que ele faz tanto sucesso no cinema há mais de 100 anos? A responder a essas perguntas e a algumas outras mais filosóficas, Yuri Garcia dedica sua dissertação de mestrado, que daria origem, posteriormente, a um livro publicado em 2014 e analisado nesta resenha: *Drácula: o vampiro camaleônico*.

Como o título do livro indica, Garcia escolhe a figura mais emblemática de sua espécie para representá-los e propõe-se a decifrar sua história. Para atingir esse objetivo, o pesquisador nos apresenta logo no início do livro a “mitologia vampírica”, termo criado por ele, que será usado para explicitar as principais características do vampiro. Com a intenção de exprimir da mitologia vampírica conclusões que estejam alinhadas com a nossa realidade moderna midiática, o autor baseia sua proposta metodológica nos estudos das materialidades, uma corrente de pensadores das mídias que conta com teóricos como Marshall McLuhan e o grupo da “teoria da mídia alemã”. Assim, *Drácula* poderia ser analisado em suas diversas facetas e ainda evidenciaria um certo destaque para a relação do personagem com a literatura e o cinema, temas célebres nos estudos de mídia e entretenimento.

Já na primeira parte do livro, a mitologia do vampiro começa a ser delineada pelo autor, trazendo discussões interessantes sobre os estudos do ser mitológico ao longo dos anos. Desde perspectivas folclóricas até teológicas, o vampiro habita o imaginário cultural do ocidente e já é considerado objeto de estudo para os dilemas humanos há bastante tempo na academia. Nesse sentido, é interessante notar que o vampiro se destaca de outros seres sobrenaturais da pós vida por ter em sua essência características humanas que nunca morrem. As dicotomias humano *versus*

animal, natureza *versus* cultura, desejo e sexualidade são tópicos exaustivamente reavaliados nas ciências humanas e filosofia, temas que ressurgem de tempos em tempos na cultura e no imaginário popular.

A própria questão filosófica do humano *versus* natureza é apontada pelo autor como parte da mitologia do vampiro. No sentido de que, ao assumir desejos indiscutivelmente humanos, ao ter o desejo sexual como pulsão de existência e satisfação e na contramão ter características animais, demonstrando um predomínio dos instintos, ele se torna uma alegoria para expressar o medo instaurado na cultura ocidental de ser considerado animal, natural e irracional.

Ao entender que o vampiro nos reflete, como poderia este ter um corpo imortal? Humano, animal e espectral? O corpo do vampiro e sua falta de reflexo então entram como próxima questão para entender o monstro. Sua falta de representação no espelho não anula a existência de um corpo carnal e que pode ser ferido, como vemos nas histórias, assim o autor explica que não se trata de um morto-vivo, ou simplesmente de uma falta de alma; trata-se de um ser vivo, re-vivo, que, ao se apossar da energia vital de outros, continua em seu estado espectral, animal, humano, com carne e ossos que dependem da própria essência de vida para continuarem existindo, ou melhor, desafiando a existência.

Essa explicação se sustenta na teoria das materialidades, nos discursos que compreendem a matéria, o corpo, não como algo a ser interpretado ou representado, mas sim, algo que é, e no caso do vampiro, seu corpo é, nas palavras do autor, uma “materialidade selvagem” que está fora de qualquer interpretação lógica cunhada até agora pelo ser humano. Nenhuma ciência ou filosofia conseguiria capturar sua essência, decifrar seus segredos, revelando aqui, mais um dos medos clássicos de nossa cultura ocidental – não dominar e entender plenamente a si próprio.

Apresentadas as questões filosóficas que atrelam o ser humano ao vampiro, o autor segue para uma série de contextualizações “vampíricas” acerca de três obras célebres da literatura: *O vampiro* (1819), do Dr. John William Polidori; *Carmilla* (1872), do escritor Joseph Sheridan Le Fanu; e *Drácula* (1897), de Bram Stoker. Segundo o pesquisador, essa tríade teria dado os primeiros sopros de re-vida ao vampiro moderno e à própria mitologia vampírica, estando inseridas em um contexto histórico específico da dualidade entre ciência e religião.

Para a análise fílmica, o autor ressalta o uso da *teoria da mídia alemã* e da *arqueologia das mídias* para que possa explorar as multilinearidades da história de Dracula no cinema. Por conseguinte, destacam-se conceitos como remediação e apropriação para realizar a análise focada nas interpretações dos diretores e suas mudanças na imagem de Drácula e a mitologia do vampiro. Ainda há espaço para as menções honrosas de filmes fracassados que tentaram algum diálogo

com o nome célebre: a lista é um prato cheio para qualquer entusiasta que não sabe por onde começar a assistir filmes de vampiro.

Portanto, Garcia apresenta a conclusão de que, além de o vampiro ser um personagem imortal, ele também é eternizado pelos meios de comunicação, visto que é um dos personagens mais adaptados na história do cinema. De maneira didática, o autor utiliza um grupo de filmes como fio condutor para apresentar uma linha do tempo da história do cinema de horror até a década de 1990.

Inicia com *Nosferatu – Uma Sinfonia do Horror* (1922), um clássico do Expressionismo Alemão. O movimento é reconhecido por sua conexão com a impulsividade das emoções, a relação com o gótico, o grande contraste da iluminação em preto-e-branco e um interessante diálogo com pinturas do movimento expressionista (das artes visuais) e do romantismo alemão.

Desse modo, segue para o Cinema de Horror Clássico com *Drácula* (1931), elencando a importância do estúdio universal para os sucessos de bilheteria com monstros da literatura. Destaca, também, o grande impacto da performance do ator Bela Lugosi como Dracula, que eternizou o figurino e trejeitos de um vampiro no imaginário de massa. Em seguida, prossegue para o cinema de horror da Hammer com *O Vampiro da Noite* (1958). Embora a inspiração do vampiro de Lugosi seja perceptível, esse Dracula, além de ser projetado pela primeira vez a cores, é mais direcionado à virilidade masculina como marca central e à sexualidade e agressividade física.

Logo, encerra-se o ciclo do grande sucesso alemão com *Nosferatu – O Vampiro da Noite* (1979), de Werner Herzog. Uma personalidade de peso para os círculos mais *cults*, assim como para a cultura *pop*, o cineasta reconhece a inspiração do Expressionismo Alemão para desenvolver sua obra no Cinema Novo Alemão. Além disso, evidencia, assim como seu precursor, a influência de pinturas de Friedrich em seu filme. Além de desenvolver a relevância das obras, o autor complementa com diversas curiosidades sobre os respectivos filmes.

Por fim, realiza algumas reflexões teóricas para apresentar uma obra um pouco mais atual, originada pelo renomado diretor Francis Ford Coppola – um dos expoentes do movimento cinematográfico conhecido como Nova Hollywood. *Drácula de Bram Stoker* (1992) retoma sua reflexão sobre apropriação, pois, embora Coppola afirme que sua percepção do personagem seja a mais parecida com a versão do autor original, o cineasta muda alguns aspectos da história para apresentar seu universo vampiresco. Sendo assim, Garcia destaca quais seriam esses elementos que diferenciam o filme da obra literária.

Algumas características presentes nas análises de Yuri Garcia seriam sua preocupação em estabelecer uma relação entre o livro e os filmes, porém, reconhecendo que não há problema em as adaptações não serem fiéis à obra literária à luz dos conceitos de apropriação e transposição,

desenvolvidos no início de sua abordagem. Outra preocupação perceptível encontra-se nos momentos em que identifica o machismo em algumas obras; embora discorra sobre o tema da sensualidade presente na composição do personagem, há uma separação do tema e das representações misóginas, preocupando-se em situar a análise em seu contexto histórico-político.

O autor não oblitera que essa foi sua dissertação de mestrado e admite que esse não era seu tema inicialmente. Essa franqueza propicia fôlego para novos mestrandos e mestrandas que buscam desenvolver seus temas (ou até encontrá-los). Dessa maneira, demonstra seu cuidado em realizar a coleta expansiva de dados do personagem, organizando-os de forma linear de acordo com a ordem crescente dos fatos para que sejam mais acessíveis à compreensão. Contudo, trata-se de uma bíblia do personagem Dracula, com diversas curiosidades, reflexões e dicas de filmes que podem fomentar sonhos e pesadelos.

Referências bibliográficas

GARCIA, Yuri. **Dracula: O Vampiro Camaleônico**. Rio de Janeiro: Lumen et Virtus, 2014.

submetido em: 01 dez. 2022 | aprovado em: 20 dez. 2022